4 - Apreender projetos, contrapor ideias

Louis Couty e a Sociedade Central de Imigração

Moisés Stahl

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

STAHL, M. Apreender projetos, contrapor ideias: Louis Couty e a Sociedade Central de Imigração. In: *Louis Couty e o império do Brasil: o problema da mão de obra e a constituição do povo no final do século XIX (1871-1891)* [online]. São Bernardo do Campo, SP: Editora UFABC, 2016, pp. 247-288. ISBN 978-85-68576-85-4. <https://doi.org/10.7476/9788568576854.0005>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Apreender projetos, contrapor ideias: Louis Couty e a Sociedade Central de Imigração

Como instalar a pequena propriedade no lugar da grande propriedade? Como substituir o escravo, absolutamente dependente, pelo colono livre, meeiro ou arrendatário, mas patrão de si mesmo? Aí justamente começam as verdadeiras dificuldades, as que não se resolverão por artigos de jornal, discursos ou leis, mas por tentativas múltiplas e, sobretudo, por observações sérias das quais algumas já são possíveis.⁴⁹⁸

O trecho acima é de janeiro de 1884, poucos meses após a fundação da Sociedade Central de Imigração. Era um momento em que o debate público estava amplo, mas que de nada adiantaria debater mais se essas ideias que circulavam não fossem empregadas em ações. Nesse sentido, a Sociedade Central, entre outras organizações que Couty nutria admiração, teria papel importante de agir em favor de reformas que providenciassem a vinda e, sobretudo, permanência de imigrantes.

O prestígio de suas ideias reverberou, entre outros lugares, na Sociedade Central de Imigração. Essa apropriação

⁴⁹⁸ COUTY, Louis. “A colonização e o Estado”. (3 jan. 1884). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 118.

se realizava, muito embora Louis Couty não tenha se filiado à Sociedade Central de Imigração, como ele mesmo atesta em artigo.

Aplaudimos a fundação da Sociedade de Imigração; aprovamos a maioria dos pontos do seu programa; assinalamos todas as medidas úteis que tomou; insistimos no papel de propaganda e popularização que ela deveria representar. Entretanto não nos colocamos à sua completa disposição e, pessoalmente, dela não fizemos parte.⁴⁹⁹

No entanto, isso não o impediu de participar de reuniões e, especialmente, de ter suas ideias utilizadas pela Sociedade Central como propaganda de seus ideais e de seus projetos reformistas. A proximidade de Couty com os membros da referida Sociedade traz indícios de sua inserção em uma rede de sociabilidades que tem na família Taunay aspecto importante. As relações que Louis Couty estabeleceu na Corte, em seus lugares de ação, Escola Politécnica e Museu Nacional, deixaram-no próximo de Goffredo Taunay, com quem fez vários trabalhos e missões em parceria. Além disso, várias citações em seus textos referem-se a Alfredo d'E. Taunay, bem como nos encontros que teve com Alfredo Taunay, como na festa de inauguração da Máquina Taunay-Telles, que já

⁴⁹⁹ COUTY, Louis. "A colonização da terra cultivada: suas condições atuais". (30 dez. 1883). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984. p. 109. A historiografia que tratou de alguns aspectos de Couty sempre o colocou como membro da Sociedade Central de Imigração. No entanto, não encontramos evidências concretas dessa associação à Sociedade Central. Diante disso, ficamos com a própria fala de Couty sobre seu não pertencimento à Sociedade Central.

comentamos. Isto revela o seu livre trânsito com os membros da família Taunay, sobretudo sua inserção na rede dessa família, que esteve estrategicamente ligada à criação de um campo de ação para os intelectuais brasileiros, balizado pela presença protetora do Estado Imperial. Essa rede de sociabilidade dos Taunay articulou a divulgação de uma cultura francesa e a articulação de uma visão europeia sobre Segundo Reinado.⁵⁰⁰ Essa inserção de Couty na rede da família Taunay, além de sua proximidade com outros membros da Sociedade Central, sobretudo o uso de suas ideias pela Sociedade Central, possibilitou seu livre trânsito no seio da elite intelectual e cultural do Império. Pela pena de Alfredo Taunay, a memória de Couty, suas ações e ideias, foram preservadas no que ficou sendo a primeira biografia de Couty. Isto é, o esboço biográfico colocado como introdução para edição póstuma de Couty que a Sociedade Central editou.

A Sociedade Central tinha entre suas propostas a ruptura com o monopólio da terra – a grande propriedade – a fim de transformá-la em pequena propriedade e atrair imigrantes. Nesse sentido, em algumas questões e debates com os quais se deparou a Sociedade Central, os argumentos de Couty foram assimilados num movimento de ação para contrapor ideias que eram contrárias às suas ações e projetos. Além disso, a Sociedade Central publicou um livro póstumo de Couty em 1887, inserindo o livro numa série de publicações de propaganda que

⁵⁰⁰ COSTA, Wilma Peres. “Narrativas de viagem no Brasil do século XIX: formação do Estado e trajetória intelectual”. In: *Intelectuais e Estado*. (Orgs.) RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 43-46.

visavam atrair imigrantes e conscientizar os brasileiros para a necessidade da imigração.

Após a morte de Louis Couty em novembro de 1884, a Sociedade Central realizou, através de seus boletins, intensa campanha em prol de uma sepultura digna de quem tanto havia honrado o país. Na campanha realizada para arrecadar fundos para a construção e manutenção da sepultura de Couty, foi mobilizada uma rede de filiais da Sociedade Central ficando visível que esta rede possuía extensa capilaridade de ações, abarcando uma parcela importante do território imperial.⁵⁰¹ Nessa campanha, foi destacada a atuação de Alfredo d'E. Taunay, a fim de recolher verbas para o túmulo de Louis Couty.

5.1 Projetos e ações da Sociedade Central

As mudanças econômicas que ocorreram no final do século XIX, em particular a expansão da economia de exportação, criaram certas condições no Brasil que possibilitaram o crescimento de camadas sociais intermediárias compostas nem de trabalhadores manuais, nem de membros da elite latifundiária.⁵⁰² Desse modo, as décadas de 1870 e 1880 foram marcadas por uma série de iniciativas de cunho reformista que de modo geral visavam à supressão das instituições atreladas ao regime escravista e a modernização do país por reformas

⁵⁰¹ Boletim: *A Imigração*, ano 2, boletim n. 10, abr. 1885.

⁵⁰² HALL, Michael M.. "Reformadores de classe média no Império brasileiro: A Sociedade Central de Imigração". *Revista de História*, São Paulo, v. 53, n. 105, ano 27, 1976, p. 147.

amparadas em algumas bases. Dentre essas bases estava a via imigrante. De um ponto de vista imigrante, a Sociedade Central de Imigração foi a organização social mais representativa. Contribuiu para a teorização idealizada do povo brasileiro ao buscar no imigrante ideal a solução para os destinos do país. Além disso, tornou-se uma espécie de gerenciadora das demais associações imigrantes espalhadas pelo Império.⁵⁰³

No processo de organização da imigração para o Brasil, a Sociedade Central de Imigração pode ser caracterizada como um suporte dinâmico, “uma inspiradora lúcida e coordenadora eficaz” para o bom êxito do movimento imigratório e no empenho do aproveitamento das novas técnicas do progresso.⁵⁰⁴ Os objetivos gerais da Sociedade Central se desenvolveram em dois aspectos. No primeiro, a preocupação se dava em motivar a vinda dos imigrantes e preparar-lhe uma boa acolhida. Ulteriormente, fixar o imigrante ao solo, dando sentido à colonização.⁵⁰⁵

A fundação da Sociedade Central de Imigração ocorreu no Rio de Janeiro em 1883, seu tempo de ação perdurou até de 1891.⁵⁰⁶ As primeiras ideias de formação da Sociedade teriam surgido de conversas entre Carlos Von Koseritz, Hermann Blumenau e Hugo Gruber. Em 26

⁵⁰³ Cf. VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX e a “Democracia Rural”*. São Paulo: Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História da FFLCH/USP, 1887. HALL, Michael M., op. cit., GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de braços*, op. cit., 2012.

⁵⁰⁴ VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX e a “Democracia Rural”*, op. cit., 1887, p. 25.

⁵⁰⁵ VASSILIEFF, Irina, op. cit., p. 39-40.

⁵⁰⁶ HALL, Michael M., op. cit., p. 148. Ver também: GONÇALVES, Paulo, op. cit., 2012, p. 171-172.

de setembro de 1883 Carlos Von Koseritz e André Rebouças conversaram sobre a futura sociedade.⁵⁰⁷ A partir desses movimentos e conversas já estavam acertadas as bases de fundação e atuação da Sociedade Central.

Em 17 de novembro de 1883 ocorria a primeira sessão da Sociedade Central de Imigração, que teve a honra da augusta presença do Imperador Pedro II que, consagrando a ideia patriótica de sua fundação, considerou o acontecimento um ato de utilidade pública.⁵⁰⁸ Em 30 de dezembro de 1883, por sua vez, Couty aplaudia “a fundação da Sociedade [Central] de Imigração” e aprovava “a maioria dos pontos do seu programa”. Reforçava o pensamento do “papel de propaganda e popularização” da imigração que a Sociedade Central deveria representar.⁵⁰⁹ Meses mais tarde Couty anotava para uma característica importante do ano de 1883, ano que “viu nascer diversas sociedades” num movimento que demonstrava a força da “iniciativa associada”.⁵¹⁰

Os líderes da Sociedade Central eram homens de certa importância e muitas das suas ideias gozavam de extrema popularidade. A análise da composição, da organização, das atividades, do programa da Sociedade

⁵⁰⁷ VASSILIEFF, Irina, op. cit., p. 28.

⁵⁰⁸ Idem, p. 35.

⁵⁰⁹ COUTY, Louis. “A colonização da terra cultivada: suas condições atuais”. (30 dez. 1883). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 109.

⁵¹⁰ COUTY, Louis. “O Brasil no exterior e o Centro da Lavoura e Comércio”. (25 maio 1884). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 250. Além da fundação da Sociedade Central, foram observados por Couty a fundação da Liga do Ensino, a Sociedade dos Letrados, a Sociedade da Escola de Farmácia, a Sociedade da Infância Desamparada, além das sociedades emancipadoras que “já nem contamos mais” diante do número crescente delas.

Central auxilia no entendimento dos modos de como o liberalismo de classe foi operado dentro do contexto brasileiro dos últimos anos do século XIX.⁵¹¹ Sua direção coube a indivíduos de um novo seguimento social que se constituiu nos interstícios do esquema senhor versus escravo e teve como espaço privilegiado as cidades. Eram, sobretudo, intelectuais, profissionais públicos e negociantes envolvidos no comércio externo. Praticamente todos os líderes tinham filiação com a Europa, através de nascimento, família, educação ou negócios. Demonstraram ser uma nova força na vida brasileira: um grupo de classe média consciente de seus interesses próprios e donos de uma crítica coerente e cabal da sociedade tradicional brasileira.⁵¹²

O quadro social de membros da Sociedade Central pode ser caracterizado como sendo composto por uma elite intelectual, política e econômica. Não havia, por exemplo, libertos ou qualquer outro elemento nacional que fizesse parte dos sócios da Sociedade. Portanto, contava com um grupo de indivíduos que possuíam notória posição de destaque na sociedade imperial. Ocupavam seus membros cargos públicos de elevado escalão, eram representantes políticos no parlamento, profissionais liberais.⁵¹³ Além de muitos serem membros de famílias com longa tradição na vida imperial, caso da família Taunay.

Analisando os membros da Sociedade Central de Imigração, Irina Vassilieff constatou que pelo menos um número apreciável defendia um “projeto modernizador” da

⁵¹¹ HALL, Michael M., op. cit., p. 148.

⁵¹² Idem, p. 153.

⁵¹³ VASSILIEFF, Irina, op. cit., p. 9.

sociedade brasileira. A “modernização” e a “reforma” como projeto só seria possível de apreensão quando vista em separado e no decorrer de diversas décadas. Nesse aspecto os membros da sociedade se integraram, além da defesa da imigração, às campanhas abolicionistas e republicanas.⁵¹⁴

Seu projeto era abrangente, ia além da constituição de núcleos coloniais de imigrantes em pequena propriedade. Além disso, o projeto abrangia reformas institucionais, ampliação da cidadania com a inclusão de imigrantes como cidadãos de pleno direito.⁵¹⁵ Portanto, havia um projeto amplo de reformas que ia além da necessidade de atrair braços para a lavoura. Nesse âmbito, a urgência da necessidade de braços fomentou a criação na província de São Paulo de uma sociedade – a Sociedade Promotora de Imigração – que se tornaria responsável pela introdução de imigrantes nesta província.⁵¹⁶

As primeiras aproximações entre a Sociedade Central com grupos de agricultores e proponentes da vinda de imigrantes da província de São Paulo se deram em 1885 através do que ficou sendo chamado “Terceiro Manifesto” em que se comentavam as potencialidades de São Paulo para receber uma corrente espontânea de imigrantes. Nesse manifesto, a Sociedade Central evoca os nomes principais da agricultura paulista como Antonio Prado, Martinho Prado, Souza Queiroz, Vergueiro e etc. Estes agricultores estavam vinculados à Sociedade de

⁵¹⁴ Idem, p. 3-4.

⁵¹⁵ Idem, p. 4.

⁵¹⁶ Cf. GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de Braço*, 2012, p. 188-221.

Imigração de São Paulo que era uma das várias filiais ligadas a Sociedade Central.⁵¹⁷

Alguns políticos e fazendeiros paulistas que faziam parte da Sociedade de Imigração de São Paulo decidiram criar a Sociedade Promotora de Imigração. Sendo esta fundada em 30 de junho de 1886 sob a liderança de Marinho Prado, Antonio Queiroz Telles e Visconde de Parnaíba.⁵¹⁸ Conhecidos como irmãos Prado, Antonio e Martinho participaram de duas Sociedades: Sociedade de Imigração de São Paulo e Sociedade Promotora de Imigração, sendo que Antonio Prado também foi sócio da Sociedade Central de Imigração. Tiveram eles papel importante no processo migratório, tanto em São Paulo quanto em âmbito nacional.⁵¹⁹

5.2 As divergências entre a Sociedade Central de Imigração e a Sociedade Promotora de Imigração

O centro das divergências entre a Sociedade Central e a Sociedade Promotora aparece, de forma clara, nos discursos de Alfredo Taunay, um dos principais líderes da Sociedade Central. Em um deles pronunciado no Senado em 10 de setembro de 1886, Taunay defendia o grande objetivo da Sociedade Central que era tornar os imigrantes pequenos proprietários. Enquanto que a posição da

⁵¹⁷ VASSILIEFF, Irina, op. cit., p. 66-67. Além da Sociedade de Imigração de São Paulo, havia outras sociedades filiais, da Sociedade Central de Imigração, na província de São Paulo. Eram elas: a Sociedade de Imigração de Sorocaba, a Sociedade Taubateana de Imigração e Sociedade de Imigração de Santos (VASSILIEFF, op. cit., p. 65).

⁵¹⁸ VASSILIEFF, Irina, op. cit., p. 79-80.

⁵¹⁹ Idem, p. 76-77.

Sociedade Promotora tinha como objetivo resolver as dificuldades dos fazendeiros paulistas atraindo mão de obra para as roças de café. Com isso, Taunay deixava de ter simpatia por São Paulo. Na política imigratória do Império a Sociedade Promotora firmou suas posições e diretrizes. Tornou-se o órgão de ação dos cafeicultores paulistas que conduziu a entrada de imigrantes impondo seus interesses no processo.⁵²⁰

5.3 Louis Couty e Sociedade Central: os termos da apropriação

A Sociedade Central de Imigração espalhou seu ideal Império afora, nomeou, em cada colônia, um delegado de confiança para transmitir as informações e receber informações do que se passava nas colônias de norte a sul. No âmbito externo, escolhiam comissões de pessoas ativas e bem colocadas na sociedade europeia, sendo brasileira ou mesmo europeia, a fim de darem informações amplas de caráter positivo sobre o Império e na imprensa responderem as acusações direcionadas ao Brasil.⁵²¹ Desse modo, houve um ordenamento estratégico das ações da Sociedade Central na Europa que visou propagar a ideia do Império como um território habilitado a receber imigrantes, além de contrapor ideias que viessem macular a imagem do Império no estrangeiro. Nesse sentido, Louis Couty, reconhecido cientista, estudioso

⁵²⁰ VASSILIEFF, Irina, op. cit., p. 83-84. Cf. HALL, Michael. *Reformadores de classe média no Império brasileiro*. op. cit., 1976. GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de braços*. op. cit., 2012, p. 171-172.

⁵²¹ VASSILIEFF, Irina, op. cit., p. 42.

das questões da transformação da mão de obra, notório defensor dos interesses do Império no estrangeiro, eminente publicista defensor da imigração europeia, seria uma referência conceitual importante para os interesses da Sociedade central. As ações e as ideias de Louis Couty agiram de forma ativa em seu contexto, dessa ação no debate público sobre a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, apreendemos o projeto imigrantista de Couty e como se estabeleceu uma conexão com os interesses reformistas via imigração da Sociedade Central. A premissa do cientista era de que o negro escravizado tinha um trabalho inferior e que era necessário substituí-lo pelo trabalho do imigrante europeu, economicamente e socialmente superior. Essa inferioridade constatada pela ciência precisava ser comprovada e todo esforço era empreendido com esse escopo. Resultado desses esforços de Couty foram seus textos, relatórios e livros, suas ideias em movimento. A partir disso se estruturou uma conexão entre o projeto de Couty com as ações da Sociedade Central, inteligível na materialidade das fontes que decorreram dessas interações de uma referência conceitual como Couty para uma organização de ação como a Sociedade Central.

5.4 O holandês Van Delden Laerne no Império

Em setembro de 1883 chegava à Corte, pelo paquete francês Orénoque, o holandês Van Delden, sendo sua presença amplamente divulgada nos periódicos da Corte e da província de São Paulo. De acordo com a imprensa da época, Laerne possuía plantações de café na ilha de

Java, possessão da Holanda à época. Além de cafeicultor em Java, o holandês ocupava “elevado cargo na administração das colônias holandesas”.⁵²² A ilha de Java foi um importante competidor do Império nos assuntos do café. De 1840 para frente, foi a única região produtora mundial que se mostrou capaz de competir com a produção cafeeira brasileira. Suas trajetórias foram bastante distintas: enquanto a produção brasileira verificou aumento constante, a de Java estacionou no patamar de 75.000 toneladas anuais.⁵²³

A motivação da vinda do holandês cafeicultor se relacionou com a Exposição Universal de Amsterdã de 1883. Nesta Exposição Laerne conheceu o café brasileiro através das amostras que lá estavam sendo expostas pela ação do Centro da Lavoura e Comércio. Em uma nota em seu impresso, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional relatou o sucesso da boa “impressão causada pela coleção dos cafés brasileiros”. Sendo tão boa que “o governo neerlandês enviou ao Brasil o Sr. Van Delden Laerne [...] a fim de recolher informações desta grande

⁵²² *Correio Paulistano*, 27 set. 1883.

⁵²³ MARQUESE, Rafael Bivar; TOMICH, Dale. “O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX”, op. cit., 2009, p. 372. Segundo os autores, até o século XVII, os árabes tinham o monopólio do café, sendo os holandeses os primeiros europeus a partilharem dessa ação. Em fins do século XVII a Companhia das Índias Orientais implantou seu cultivo em Java, sendo seguida pelos franceses em Reunião. Na década de 1720, quando o arbusto foi também aclimatado em colônias do Novo Mundo (Suriname, Martinica, Guadalupe), holandeses e franceses introduziram pioneiramente quantidades substantivas do gênero nos mercados metropolitanos. Idem, p. 345.

cultura em nosso país”[Sic.].⁵²⁴ Já Louis Couty destacou a atuação do Centro da Lavoura e Comércio nessas exposições no ato de espalhar “em toda parte milhares de amostras de café”. Essas ações do Centro da Lavoura foram muito elogiadas por Couty:

Essa associação desmente aqueles que, há três anos, pareciam não ter confiança na sua continuidade e utilidade; e a última vitória que acaba de ganhar se inscreve numa lista, já longa, de importantes trabalhos de vulgarização para o País. Tornar conhecido o primeiro produto do Brasil, apresentá-lo em Amsterdã e Trieste, em S. Petersburgo e Nova Iorque, em Berlim e Boston, em Paris, Atenas, Nice e em muitos outros lugares é também tornar conhecido o Brasil, ordinariamente tão mal apreciado ou completamente ignorado.⁵²⁵

A sociedade civil se organizando, ainda que parcimoniosamente, motivava Couty. Nesse processo de organização o Centro da Lavoura e Comércio e a Sociedade Central de Imigração ganhavam espaço na análise de Louis Couty, posto que era o “Brasil mais ativo” que estava surgindo, como tanto queria o cientista francês. Esse movimento interno de associativismo seria útil na “vulgarização” dos produtos do Brasil na Europa, tornando mais conhecido o país. Esse processo se daria pelos produtos e o café ocupava condição primeira nessa organização. Divulgado o café, era preciso atrair imigrantes

⁵²⁴ *O auxiliar*, v. 52, Rio de Janeiro, 1884.

⁵²⁵ COUTY, Louis. “O Brasil no exterior e o Centro da Lavoura e Comércio”. (25 maio 1884). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., p. 250-251.

a fim de cultivar esse precioso fruto e seria nesta função que a Sociedade Central deveria agir.

No tempo em que permaneceu no Império, o holandês Laerne foi bem recebido pela sociedade imperial. Angariou honras do Centro da Lavoura e Comércio⁵²⁶ e seu relatório seria classificado, pela imprensa da época, como alvissareiro para o futuro do Brasil.⁵²⁷

Logo após a morte de Louis Couty em novembro de 1884, Van Delden Laerne já estabelecido em seu país, publicou nos idiomas inglês e francês *Le Brésil et Java: rapport sur la culture du café en Amérique, Asie et Afrique* (1885), onde relatou os modos de produção da cultura do café nas regiões produtoras dos três continentes destacados no título do livro. A maior parte (de mais de seiscentas páginas do livro) foi dedicada à produção cafeeira do Vale do Paraíba e Oeste Paulista. No livro, Laerne asseverou que a produção cafeeira brasileira seria extinta ao mesmo tempo em que fosse abolida a escravidão. O holandês fechava o horizonte da produção cafeeira com esse diagnóstico pessimista. Para tanto, para contestar o que asseverou o holandês, a Sociedade Central recorreu aos trabalhos de Louis Couty a fim de contrapor os argumentos que maculavam a imagem do Império no exterior.

[...] oficiou-se ao Sr. conde de Villeneuve, ministro brasileiro na Bélgica, para que S. Exmo. fizesse o

⁵²⁶ Segundo o próprio Delden Laerne, o Centro da Lavoura e Comércio fez dele membro honorário. LAERNE, Van Delden. *Le Brésil et Java: rapport sur la culture du café en Amérique, Asie et Afrique*. Paris: Challamel Ainé, 1885, p. 221.

⁵²⁷ *Correio Paulistano*, 18 jan. 1884.

favor de rebater muitas das asseverações do livro de Delden Laerne, relativas ao cultivo do café entre nós. Remeteu-se um exemplar do precioso livro do ilustre Dr. Luiz Couty *Le Brésil en 1884*, onde S. Exmo. Encontrará valiosíssimos dados para responder aquele escritor holandês, que procura fazer crer que o cultivo do café, no Brasil, esta fatalmente condenado a desaparecer quando se extinguir a escravidão entre nós. O Dr. Couty mostra com admirável proficiência qual o futuro daquela cultura, entregue que seja ao braço livre do imigrante e à sua inteligente iniciativa.⁵²⁸

A refrega ocorreu em um ambiente internacional, daí o temor resultante do que poderia ocorrer se tais informações negativas caíssem em ouvidos imigrantes, ainda que imigrantes em potencial. A boa imagem do café brasileiro na Europa era um ótimo argumento para atrair imigrantes, do contrário, estando o café com destino incerto qual imigrante se disporia a cruzar o atlântico?

O movimento de contestação realizado pela Sociedade Central torna-se importante ao mobilizar o governo, o Ministério da Agricultura, e mostrar a “conveniência de serem na exposição de Antuérpia, refutadas as asseverações do Sr. Van Delden Laerne acerca do futuro do café entre nós”. Sublinhamos o aspecto do ambiente internacional das Exposições Universais, onde estava em jogo a imagem do país e de seus produtos. Num primeiro momento, na Exposição de Amsterdã, Van Delden Laerne conheceu o café brasileiro, veio ao Brasil vistoriar as produções cafeeiras e decretou um fim para o café. Em

⁵²⁸ *A Imigração*, boletim n. 11, ano 2, maio/jun. 1885 (11 maio 1885).

num segundo momento, na Exposição de Antuérpia, suas observações sobre o café brasileiro seriam refutadas. Com esse fito se deu a ação da Sociedade Central, quando recorreu ao governo clamando a necessidade de refutar o que divulgou Laerne. A respeito disso, lembrava a Sociedade Central “quão útil fora a distribuição dos livros do finado Couty – *Le Brésil en 1884* e *Étude de Biologia Industrielle sur le café* – naquela festa industrial”. O objetivo era pedir ao Ministério da Agricultura mais exemplares dos livros de Couty, para continuar a luta contra o holandês. Livros que “apresentam, com a maior verdade e proficiência, as esplêndidas condições do nosso país para receber imigração europeia. São obras de grande valor como elemento de propaganda”.⁵²⁹

Outro argumento de Van Delden, que inquietou a Sociedade Central, era de que o imigrante no Brasil não se sujeitava a trabalhar no cafeeiro, não se adaptava às condições péssimas da produção. Para questionar isso, a Sociedade Central enviou ofícios aos fazendeiros “que trabalham há anos com gente europeia” para que estes enviassem pareceres acerca das condições de trabalho dos imigrantes estabelecidos em suas propriedades.⁵³⁰

Na aula inaugural do curso de botânica do Museu Nacional, o professor Dr. Collatino Marques de Souza Filho discorreu sobre a cultura do cafeeiro, tecendo algumas considerações acerca do que havia dito Laerne. Collatino após apresentar muitas amostras de café de diferentes regiões do Império, dizia que “não abraça a

⁵²⁹ *Gazeta de Notícias*, 19 maio 1885. [grifo nosso].

⁵³⁰ *A Imigração*, boletim n. 11, ano 2, maio/jun. 1885.

opinião do Sr. Laerne sobre o futuro da cultura do café no Brasil”. Para Collatino, o café “será sempre a cultura predileta de muitas zonas deste Império”.⁵³¹ Com efeito, o argumento de Laerne ganhou vários adversários e amiúde foram contestados.

Pela segunda vez em ambiente internacional,⁵³² neste caso de modo indireto, as ideias de Louis Couty eram mobilizadas para restaurar a boa imagem manchada do Império na Europa. Suas qualidades de amigo do Brasil ganhavam novos significados nesta ação da Sociedade Central. Daquele momento para frente as ideias de Couty sobre o país consolidavam-se como instrumento de defesa dos interesses que a Sociedade Central defendia.

5.5 Louis Couty e Van Delden Laerne: dois destinos para o Império

Diante do empenho que a Sociedade Central de Imigração realizou para contestar o que havia dito Van Delden Laerne ao mobilizar os argumentos de Louis Couty, torna-se oportuno cotejar os escritos de Couty com os escritos de Laerne a fim de evidenciar o contraste entre o que ambos pesavam sobre o futuro da lavoura cafeeira.

O livro *Le Brésil et Java* está dividido em doze capítulos com mais cinco anexos repletos de informações e dados estatísticos sobre a produção cafeeira no mundo. Van Delden Laerne faz uma ampla descrição geológica

⁵³¹ *Gazeta de Notícias*, 15 jul. 1885.

⁵³² A primeira vez ocorreu com o debate entre Louis Couty e o abolicionista francês Victor Schoelcher, como já analisamos.

do Império, se apoiando nas informações que obteve de Orville Derby a quem classificou como “o primeiro dos geólogos e paleontólogos a serviço do Brasil”.⁵³³ Além do aspecto geológico, traz informações sobre o clima e sobre a história e a política do Brasil. Cita vários homens de ciência do Brasil e que residiam no país dos quais se valeu para compor seu livro.

O holandês menciona um diálogo que teve com Couty em que o francês havia “declarado pessoalmente” sobre a produção média do café brasileiro. Entretanto, desconsidera a maioria das asseverações de Couty, especialmente as contidas no relatório *Étude de Biologie Industrielle*. Nesse encontro, Laerne informa que Couty o teria alertado sobre os exageros das informações dos fazendeiros. Contudo, Laerne observa que o próprio Couty “caiu nas armadilhas” dos fazendeiros se referindo ao relatório sobre o café de 1883.⁵³⁴ É interessante ressaltar a atenção que Couty e Laerne tiveram em relação às informações que os fazendeiros lhes passaram. A respeito disso o holandês ao se referir aos exageros do fazendeiro cita um ditado da época que fazia dizer que quem mentia de modo exagerado “mentia como um fazendeiro”.⁵³⁵

Como podemos perceber, as querelas entre Couty e Laerne ocorreram desde a feitura do relatório do holandês. Com efeito, é interessante notar que tanto Couty quanto Laerne tinham críticas severas aos meios de produzir o café no Império, mas Couty acreditava e, sobretudo, atuava de

⁵³³ LAERNE, Van Delden. *Le Brésil et Java: rapport sur La culture du café em Amérique, Asie e Afrique*. Paris: Challamel Aîné, 1885, p. 24.

⁵³⁴ Idem, p. 269.

⁵³⁵ Idem, p. 225. A menção está na nota de rodapé da referida página.

um lado como estudioso ligado às instituições científicas do Império, de outro lado num projeto imigrantista para o bom futuro do Império. Enquanto o holandês desacreditava que o destino do café seria promissor no futuro.

Van Delden Laerne afirma ter lido *Étude de Biologie Industrielle sur le café*, porém após algumas viagens e conversas com alguns fazendeiros que Couty havia conversado também, para seu pesar, dizia “ter encontrado tantas declarações imprecisas, tantos dados desmentidos” pelos fazendeiros, que “a obra do Dr. Couty, embora louvável, não era” útil “para servir como guia na composição” do seu relatório sobre a cultura cafeeira no Brasil.⁵³⁶ Diante disso, Laerne classificou Couty como um “cientista idealista” que aconselhava os fazendeiros, para logo em seguida se contradizer no que havia aconselhado. Nesse sentido, segundo o holandês, Louis Couty aconselhava a substituição do negro e sua enxada pela carpideira conduzida por um animal, a mula. Para em seguida dizer que “infelizmente este conselho não é aplicável em todos os lugares”. Para Couty o uso da carpideira seria impossível na maioria dos cafezais de Cantagalo plantados muito próximos um do outro ou nos cafezais de dez a vinte anos de São Paulo, que são muito espessos para deixar passar uma mula entre seus ramos.⁵³⁷ Essa contradição no conselho de Couty evidenciada pela crítica de Laerne revela que Couty tinha um foco bem definido sobre a produção cafeeira, a substituição do trabalho do negro escravizado por máquinas ou instrumentos aratórios e,

⁵³⁶ Idem, p. 220-221.

⁵³⁷ Idem, p. 237-238.

sobretudo, pelo imigrante europeu. Contudo, ao observar que a carpideira e o arado não seriam possíveis nos cafezais cujos pés eram muito próximos ou que eram muito copados, espessos pela idade superior a dez anos,⁵³⁸ Couty estava abrindo possibilidades para novas formas de cultivo, a fim de facilitar o uso da carpideira e do arado em substituição ao trabalho do escravo. A substituição do trabalho escravo era seu objetivo, mas antes de ser essa substituição abrupta e danosa, era preciso adequar a produção a uma nova modalidade de transformação do solo.

Van Delden Laerne acreditava que a continuidade da escravidão era o que impedia a corrente de imigrantes para o Império. Dizia ele que “*Tout repose sur le travail d’esclaves*”.⁵³⁹ Diante disso, a abolição seria a ruína do país e seria sobre essa ruína que se reconstruiria o futuro do Brasil. Laerne acreditava que a imigração seria a solução também, mas que tudo dependia da legislação agrária que até então tinha se oposto à imigração e colonização, referia-se à Lei de Locação de Serviços de 1879.⁵⁴⁰ Já Louis Couty, via as transformações que os imigrantes vinham realizando pelas regiões cafeeiras que visitou: “é fácil uma observação geral: o escravo parou por todos os lugares, ou quase todos os lugares, de ser o único trabalhador”, em São Paulo ou Cantagalo “já se via o trabalhador livre”.⁵⁴¹ Esta visão da paisagem e

⁵³⁸ COUTY, Louis. *Étude de biologie industrielle sur le café*, op. cit., 1883, p. 27-28.

⁵³⁹ “Tudo repousa no trabalho escravo”. Tradução livre. LAERNE, Van Delden. *Le Brésil et Java*, op. cit., 1885, p. 73.

⁵⁴⁰ Idem, p. 74.

⁵⁴¹ COUTY, Louis. *Étude de biologie industrielle sur le café*, op. cit., 1883, p. 116.

construção narrativa que favorecia a transformação do trabalho escravo para um trabalho livre tornou-se operante em favor dos interesses reformistas via imigração. Por esse aspecto que a Sociedade Central recorreu às argumentações de Louis Couty para contrapor Van Delden Laerne. Enquanto que Laerne fechava o horizonte, Couty abria demonstrando a existência de um fluxo imigratório para o Império, ou trabalhando em favor desse fluxo. O contraponto principal no argumento de Couty que opera a crítica da Sociedade Central contra Laerne se encontra no modo como Louis Couty projeta um futuro para o Império. Para ele o destino do Brasil estava garantido com a vinda de imigrantes europeus. A transformação que a introdução da mão de obra livre realizaria no país proporcionaria grandes resultados e o pouco que por Couty fora visto deixou-o animado: “o comércio externo aumentou; o papel do escravo diminuiu, o do assalariado começa”.⁵⁴² Quiçá fosse em referência a essas argumentações favoráveis ao futuro do Império que motivou Laerne a considerar Couty um “cientista idealista”.

No movimento realizado pela Sociedade Central de Imigração para contrapor o diagnóstico pessimista de Van Delden Laerne, não foi sublinhado nenhum trecho em especial, mas podemos deduzir que a frase “Ignoro se sou pessimista. Posso ser, porque considero a situação atual do Brasil como extremamente perigosa, cheia de perigos”⁵⁴³ tenha provocado a revolta nos membros da Sociedade Central. O mais agravante se dava no modo de relatar as relações entre fazendeiros e colonos:

⁵⁴² Idem, p. 117.

⁵⁴³ LAERNE, Van Delden. *Le Brésil et Java*, op. cit., 1885, p. 79.

“acostumados ao tratamento dos escravos, ele não hesita em interferir nos assuntos internos do colono” e resumia “em uma palavra, ele considera o colono mais como um subordinado, menos como um trabalhador livre”.⁵⁴⁴ Nada mais desabonador para os destinos da imigração no Brasil do que uma contrapropaganda como esta. Se for para não ser um trabalhador livre o que levaria o colono a emigrar para o Brasil, poderiam indagar os reformistas da Sociedade Central. Já Couty acreditava no futuro com a imigração, todo país novo como o Brasil, dizia ele, necessita de “povoar-se livremente, com imigrantes europeus livres, ativos [...]”.⁵⁴⁵ Apesar de apontar várias falhas no processo de atração e condução da imigração, dizia não existir “melhor prova de nossa confiança no futuro do Brasil do que o fato de que, na medida de nossas forças, procuramos ajudar a prepará-lo?”. Era a fala de um homem de ciência que balizava as boas condições do país para receber imigrantes ao corroborar “a mais absoluta confiança no futuro do Brasil”. Para alcançar esse futuro dizia ter apenas “dúvidas quanto aos meios pelos quais esse futuro será alcançado [...]”, mas tinha certeza que só com o povoamento, com a colonização, esse futuro se realizaria pleno, pois “baseados em fatos de observação”, ou seja, na prática, “nenhum país oferece ao trabalho do homem um campo de atividade mais vasto e mais lucrativo” como o Brasil.⁵⁴⁶

⁵⁴⁴ Idem, p. 115.

⁵⁴⁵ COUTY, Louis. “Exploração e colonização”. (4 a 11 nov. 1883). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 82.

⁵⁴⁶ COUTY, Louis. “As culturas do Brasil e seu rendimento”. (10 a 13 de abr. 1884). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 101.

Para Van Delden, abolida a escravidão, “a agricultura deverá regredir sem uma imigração em grande escala”, uma vez que, segundo o holandês, a população negra não iria produzir nada além do necessário para o seu próprio sustento.⁵⁴⁷ Nesse aspecto, Couty tinha a mesma opinião de Laerne, mas o francês abria as possibilidades do Brasil para a imigração, se empenhava em mostrar um país apto a receber tal colono e, sobretudo, trabalhava com seus artigos no convencimento de que era preciso reformas que garantiriam o maior fluxo de imigrantes para o Império.

O motivo que trouxe Laerne ao Império foi ter se deparado com algumas amostras de um café de uma qualidade que, segundo ele, se assemelhava ao “artificial”. A partir disso, algumas questões surgiram: “Aqueles qualidades superiores são encontráveis no mercado? Não seriam as amostras o resultado de um trabalho aturado de separação e de um benefício que não é o usual?”⁵⁴⁸ [sic]. Essas questões que Laerne relatou ao *Correio Paulistano* podem ter servido de guia em sua vistoria na produção cafeeira. O fato é que após a vistoria dizia ele ser de “conhecimento geral que a cultura cafeeira neste país atravessa uma crise que ameaça seu futuro”, mas que não era a “maneira de cultivar que causou a crise”, e sim “exclusivamente a falta de braços [...]”.⁵⁴⁹ Delden Laerne não entendia que o problema da crise estivesse na qualidade da mão de obra, como entendia Couty, mas na falta dela. A respeito disso, uma entrevista que ele concedeu ao *Correio Paulistano* traz alguns dispositivos interessantes

⁵⁴⁷ LAERNE, Van Delden. *Le Brésil et Java*, op. cit., 1885, p. 119.

⁵⁴⁸ *Correio Paulistano*, 18 jan. 1884.

⁵⁴⁹ LAERNE, Van Delden. *Le Brésil et Java*, op. cit., 1885, p. 238.

que o governo holandês elaborou para controlar a mão de obra nativa na ilha de Java.

O sistema de trabalho atual pode ainda prolongar-se por muitos séculos [na ilha de Java]. O governo holandês envolveu na hábil hierarquia dos seus funcionários os chefes indígenas que sobre a população tem todo o prestígio da raça, das tradições e da religião. Por meio deles, encontra a metrópole sempre obediência. É prova disso o fato de conservarem os holandeses, na ilha, uma força europeia insignificante. Não há perigo visível de a população operária recusar-se a prestar os seus serviços pela maneira porque o faz atualmente.⁵⁵⁰

Enquanto o destino da lavoura brasileira estava fadado à ruína, pois sem mão de obra com a possibilidade da abolição, sem o negro liberto interessado em trabalhar, sem a imigração europeia condenada pelo modo de tratamento que o fazendeiro praticava para com o colono, só um destino estava reservado ao Império, a ruína. Enquanto que em Java um hábil sistema de controle prolongaria por muitos séculos um sistema de trabalho que garantia preços baixos ao café de Java.

O terreno já está preparado, o serviço pesado fora realizado pelos escravos. Podem vir os imigrantes.

Os imigrantes podem vir sem medo. A região dos cafezais é também a região alta, a das planícies. Eles encontrarão um clima bom; sua saúde será excelente. Encontrarão também culturas já prontas,

⁵⁵⁰ *Correio Paulistano* (18 jan. 1884). A chamada para a entrevista foi muito vistosa, em letras garrafais dizia: “JAVA CULTURA E COMÉRCIO DO CAFÉ”.

providas de caminhos, rebanhos e usinas. Graças aos anteriores esforços dos infelizes pretos, será imediato o resultado dos recém-chegados, assalariados, meeiros ou pequenos proprietários. Eles não terão de arrotear nem de plantar. Além disso, o resultado desse trabalho será superior a tudo que se possa imaginar, o quíntuplo ou sêxtuplo do das culturas de cereais, o dobro ou triplo do das culturas de videiras.⁵⁵¹

O trecho acima ilustra porque Louis Couty foi a referência conceitual utilizada pela Sociedade Central de Imigração para refutar o pessimismo de Van Delden Laerne quanto ao futuro do café e, por consequência, da imigração para o Império. Couty trabalhou um projeto pessoal de imigração que serviria para o Império, se dedicou ao atuar nas questões que o afetavam de perto, o estrangeirismo que ele tanto criticou, se dedicou nas questões propondo reformas, com efeito, não adiantava vir imigrantes para continuar a reprodução de um passado, para serem contratados e reproduzir o que fazia o escravo na fazenda. Isto era o que ele chamou de “obstáculo moral”, que independiam das leis, pois estavam baseados nos costumes e nos “hábitos antigos decorrentes da escravidão”. Para solucionar os problemas “somente a pequena propriedade ou o salariado poderão corrigir o mal porque libertarão completamente o agricultor”.⁵⁵² Esse uso de Louis Couty pela Sociedade Central de Imigração revela o quanto as ideias do cientista francês

⁵⁵¹ COUTY, Louis. “As culturas do Brasil e seu rendimento”. (10 a 13 abr. 1884). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 102-103.

⁵⁵² COUTY, Louis. “A colonização e os grandes proprietários”. (27 dez. 1884). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 116.

agradavam e se adequavam à um projeto reformista idealizado por um grupo formado pelos mais destacados nomes das letras, ciência e política imperial.

Em fevereiro de 1886, a Sociedade Central permanecia na luta contra as asseverações de Delden Laerne. Com efeito, alterava o foco e solicitava ao Centro da Lavoura e Comércio o livro do holandês “para melhor servir os desejos da sociedade”.⁵⁵³ A Sociedade Central teve seus esforços concentrados nas atividades de propaganda que podem ser divididas em dois níveis: um interno e um externo. No nível externo, as ações destinavam-se ao imigrante e aos governos envolvidos. No nível interno, visava convencer a sociedade brasileira da utilidade da imigração como solução dos problemas nacionais.⁵⁵⁴ Essa contenda internacional entre Louis Couty e Van Delden Laerne mediada pela ação da Sociedade Central pode ser apreendida como uma primeira fase da recepção das ideias imigrantistas de Louis Couty no programa reformista da Sociedade Central, se enquadrando como uma ação externa da Sociedade Central. Uma segunda fase da recepção e consolidação do seu pensamento no programa de reformas da Sociedade Central aparece em 1887 com a publicação de um livro póstumo de Louis Couty pela Sociedade Central. Além disso, em outras questões Louis Couty será mobilizado como referência conceitual, especialmente no que se refere à imigração chinesa, tão contestada pelo grupo reformista imigrantista. A publicação do livro póstumo de Couty se enquadra como uma ação

⁵⁵³ *A Imigração*, ano 3, boletim n. 18, fev. 1886.

⁵⁵⁴ VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX*, op. cit., 1887, p. 11.

interna, que visou convencer a sociedade da importância da imigração.

5.6 Pequena propriedade e imigração europeia: a consolidação do pensamento de Louis Couty no programa da Sociedade Central de Imigração

O ano de 1887 foi o de maior atuação da Sociedade Central⁵⁵⁵ e nesse mesmo ano foi publicado pela Sociedade Central o livro *Pequena propriedade e imigração europeia*, com introdução de Alfredo d'E. Taunay e notas de André Rebouças, os dois mais icônicos membros da Sociedade Central. No boletim 33 de seu impresso, a Sociedade Central trazia a público o aviso do Ministério da Agricultura comunicando a solicitação junto ao Ministério da Fazenda a “ordem afim de, na Imprensa Nacional, ser impresso o livro do falecido Dr. Louis Couty”[sic]. O mesmo boletim informava que a Sociedade Central “não podia prestar mais sincera e respeitosa homenagem à memória desse vulto da ciência, do que se empenhando pela publicação de sua última obra”.⁵⁵⁶ O livro é a reunião de um texto relativamente curto de Louis Couty, somados à introdução de Taunay, às notas de Rebouças e alguns anexos relativos ao programa da Sociedade Central e um discurso de Taunay. Constituíam-se, portanto, em um verdadeiro livro de propaganda das ideias e ações imigrantistas de um setor da sociedade imperial.

⁵⁵⁵ Idem, p. 11.

⁵⁵⁶ *A Imigração*, ano 4, boletim n. 33, jun. 1887.

O Século XIX, sobretudo sua segunda metade, foi caracterizado como o século da ciência e do progresso tecnológico que incutiu transformações sensíveis à sociedade em todos os níveis e lugares. Segundo a historiografia que analisou as questões da imigração privilegiando a Sociedade Central como objeto, pode-se inserir a referida sociedade nesse contexto histórico da expansão da ciência e das inovações tecnológicas entendendo a ação da Sociedade Central num processo de aparecimento da grande propaganda moderna.⁵⁵⁷

No âmbito da propaganda, a Sociedade Central utilizou as ideias de Couty para dar movimentos às ideias e ações imigrantistas que visavam reformas. A Sociedade Central se valeu de um intenso repertório de ideias e agentes que proporcionavam o movimento dos interesses pela ação na imprensa, pelos livros e conferências. Nesse cenário de um amplo espaço público em que se discutiam os destinos do país, Louis Couty ao estruturar suas ideias em seus textos, livros, relatório, vai elaborar seu projeto e nutrir um repertório farto e favorável aos interesses imigrantistas que foi mobilizado pela Sociedade Central. Portanto, Couty entra nesse processo como um agente importante que instrumentalizou o repertório crítico da Sociedade Central com seus argumentos científicos/modernos. Desse modo, o livro *Pequena propriedade e imigração europeia* é a sistematização das ideias de Couty no programa da Sociedade Central. Neste livro podemos apreender com quais finalidades a referida Sociedade Central mobilizou o repertório de Couty

⁵⁵⁷ VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX*, op. cit., 1887, p. 186-187.

para empreender ações e conscientizar a sociedade da necessidade da imigração.

O movimento imigrantista de final dos oitocentos constituiu-se no ritmo de novas necessidades, como formar e esclarecer a opinião pública da necessidade da imigração.⁵⁵⁸ Contudo, para atrair o imigrante europeu era preciso alterar a imagem negativa que sombreava o Império, sobretudo a de que no Brasil só se procurava ver “nos trabalhadores europeus substitutos do negro” como observou o então deputado Alfredo Taunay.⁵⁵⁹ Nesse aspecto, todo empenho da Sociedade Central contra o que disse Van Delden Laerne se insere na mesma questão de alterar a imagem do país na Europa.

Na história da extinção da escravidão e da penosa transformação do trabalho nesta parte do mundo, esforço que sem duvida granjeará para o Império Americano a admiração e as bênçãos da filosofia e da humanidade, o nome do Dr. Louis Couty há de figurar em lugar de honra, e de quantos documentos se poderão compulsar com vantagem para reconstituir esse curioso e interessante período de duvidas e temores, contrabalançados por muito entusiasmo no futuro e muita fé nas grandes causas, o opúsculo ora publicado e o livro *Le Brésil en 1884* proporcionarão os meios mais seguros de elucidação e estudo.⁵⁶⁰

⁵⁵⁸ Idem, p. 187.

⁵⁵⁹ Anais da Câmara dos Deputados do Império do Brasil. 10^a Sessão. 18 Legislatura. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1884, v. 5. Apêndice, p. 547, apud VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX*, op. cit., 1887, p. 196.

⁵⁶⁰ TAUNAY, Alfredo d'E. “Louis Couty: esboço biográfico”. In: COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*. Obra póstuma anotada e precedida de uma introdução biográfica por Alfredo d'E. Taunay.

Quando a fonte direciona sua fala ao futuro algo de interessante pode ser visualizado, neste caso o que disse Alfredo de Taunay no trecho acima sobre a então recente memória de Louis Couty revela ao mesmo tempo a monumentalização de Louis Couty, ou seja, a sistematização das ideias do cientista francês em favor dos interesses da Sociedade Central e também revela um fato, o de que Couty atuou de modo ativo nas questões da mão de obra e por isso que a Sociedade Central sistematizou suas ideias em seu programa de ação. Cabe apreender essa sistematização das ideias de Couty realizadas pela Sociedade Central e apontar como os realizadores dessa obra enfatizaram certas questões em favor de suas ações.

Este texto de Louis Couty foi escrito entre os anos de 1883 e 1884, em um momento em que o cientista francês publicava uma miríade de artigos e relatórios sobre o café, imigração, colonização e etc., abarcando toda a complexidade das questões relativas à mão de obra. Por ser um livro que destoa das demais publicações de Couty, sobretudo, porque foi um livro póstumo, sendo um documento da recepção das ideias de Couty e um monumento à sua memória. Com efeito, se tomássemos esse livro no início de nossa análise cometeríamos o deslize de analisar o pensamento de Couty de um ponto de vista retrospectivo e não diacrônico como estamos realizando.

A frente de luta da Sociedade Central de Imigração se orientava por reformas que visavam facilitar a naturalização, o casamento civil e revogação da Lei de Locação de Serviços de 1879. Por outro lado, havia um setor na

Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887, p. 4.

organização que elaborava um projeto mais completo de reformas que incluíam a pequena propriedade e o imposto territorial, formando a chamada “democracia rural”. Este setor, por sua vez, visava ao triunfo de um projeto modernizador avançado, embora não revolucionário.⁵⁶¹ Entendemos que foi o setor da democracia rural que selecionou o texto em que Couty tratou mais do papel da pequena propriedade e da imigração europeia e o publicou.

Nesse texto publicado em 1887, Couty analisou com mais acuidade a mentalidade do fazendeiro apegado à escravidão, o fazendeiro do passado, aquele que impedia o desenvolvimento da pequena propriedade e da imigração ao prolongar as características escravocratas. Nesse aspecto, o livro de Couty seria de grande valia aos interesses da Sociedade Central. Contudo, é importante enfatizar que na análise geral que Couty fez da expansão cafeeira do Rio de Janeiro e de São Paulo ele vai caracterizar aquele espaço de experiência da lavoura cafeeira em dois regimes distintos de tempos simbolizados pelas ações dos fazendeiros do passado e do futuro. Nesse artigo que compõe o livro *Pequena propriedade e imigração europeia*, Couty se aprofunda na crítica aos fazendeiros do passado e demonstra o quanto eles ao prolongar o passado da escravidão, não tiveram a habilidade de transformar o trabalho escravo em trabalho livre ao não atrair o imigrante europeu. Por outro lado, Couty sempre demonstrou admiração para com os fazendeiros do futuro, os fazendeiros de São Paulo. Após analisar uma

⁵⁶¹ VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX*, op. cit., 1887, p. 11.

carta em que Antonio Prado mostrava a importância da imigração e da permanência dos imigrantes, Couty respondia àqueles que

nos acusam de falar às vezes bem demais dos fazendeiros e exagerar a nossa simpatia, considerando os grandes proprietários como a força viva nacional mais capaz de resolver a crise do trabalho, sobre as explorações, sobre as próprias culturas e não sobre as palavras.⁵⁶²

Por isso é importante clivar o que Couty pensou em uma estrutura coesa de informações e o que foi apropriado pela Sociedade Central de Imigração em sua ação. Segundo a caracterização de Vassilieff, o projeto da Sociedade Central não era uno e estruturado, com algumas exceções, era fragmentário e desalinhado.⁵⁶³ Sob essa forma fragmentária do projeto da Sociedade Central a apropriação das ideias de Couty foi facilitada.

Na análise da mentalidade do fazendeiro do passado feita por Couty fica visível o uso da Biologia Industrial para caracterizar esse homem do passado. Para Couty, o prejuízo da grande propriedade, baseada em um trabalho coletivo forçado era ainda geral entre os fazendeiros mais distintos. Eles formavam a maioria dos proprietários que doze anos depois da Lei Rio Branco (1871) aceitavam a ideia da emancipação sem ter que converter à

⁵⁶² COUTY, Louis. "A colonização e os grandes proprietários". (27 dez. 1883). In: *O Brasil em 1884*, op. cit., 1984, p. 114.

⁵⁶³ VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX*, op. cit., 1887, p. 3. Segundo a autora, o quadro de membros da Sociedade Central era muito diversificado, composto por republicanos e abolicionistas como José do Patrocínio.

necessidade do trabalho livre. A fazenda, para esses fazendeiros do passado, continuava a ser “uma entidade sagrada” intocável, “tanto é verdade que as características psíquicas são ainda estáveis, quanto as características zoológicas”.⁵⁶⁴ Apesar de considerar que não havia consenso quanto ao modo de substituir o trabalho escravo, “se é fácil suprimir o escravo”, porém “ninguém sabe como organizar a mão de obra livre”,⁵⁶⁵ Couty acreditou que o ordenamento da substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre caberia ao fazendeiro num processo que tinha iniciado com a Lei do Ventre Livre em 1871. Contudo, até 1883 os grandes proprietários não tinham feito nada em favor do ato de 1871 e “eles não vão fazer nada mais por causa de sua natureza social, por causa de seus hábitos intelectuais e mentais”. Aqui o determinista Couty atribuía à mentalidade do fazendeiro, eivada por sua educação “no meio dos escravos”, o óbice à “transformação necessária”. Todavia, a crítica não cai de forma direta ao fazendeiro, mas ao regime da escravidão, ao negro, ao contato entre senhor e escravo que numa “mestiçagem moral” contaminava os hábitos dos fazendeiros que “inconscientemente” fazem de tudo para permanecer com o trabalho do escravo.⁵⁶⁶

O fazendeiro se preocupava em dar a melhor educação a seus filhos, “ele quer” que “seus filhos estudem na faculdade, e mais tarde se tornem advogados, médicos,

⁵⁶⁴ COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*, op. cit., 1887, p. 35-36.

⁵⁶⁵ COUTY, Louis. *A escravidão no Brasil*, op. cit., 1988, p. 68.

⁵⁶⁶ COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*, op. cit., 1887, p.51.

engenheiros”, aí como em outros pontos o grande proprietário mostra inteligência, chegando a ter “mais espírito de progresso que a maioria dos grandes proprietários da França ou alhures”. Contudo, observava Couty num diálogo com Sílvio Romero, “seus filhos passam os primeiros anos no meio dos negros, sem ideia de família e de sociedade”. A mulher que amamenta a criança branca é negra, *les bonnes du premier* âge ⁵⁶⁷são negros. Tudo isso produz “*un véritable métissage moral*”. Esta fala não é minha, dizia Couty, “mas de um brasileiro que conhece e honra seu país, Sílvio Romero”. Mestiçagem moral que por sua conta Couty julgava “absolutamente nociva”.⁵⁶⁸

Essa “mestiçagem moral” dos grandes proprietários impedia o incremento de inovações tecnológicas, da vinda de imigrantes, impedia, pensando com Couty, o desenvolvimento do país. E teria sido, para Couty, a “mestiçagem moral” que levou os fazendeiros a “não corresponderam às expectativas dos legisladores de 1871”.⁵⁶⁹ Alguns comentários ditos por grandes proprietários que se opunham à imigração descortinavam a mentalidade dos fazendeiros apegados à terra. Dizia um fazendeiro, para o espanto de Couty, que preferia “deixar morrer” seus “cafezais a ter relações com colonos desobedientes e grosseiros”. Enquanto que outro dizia que seus filhos poderiam fazer o que quisessem, mas tendo vivido com os escravos, não poderiam acostumar a outro

⁵⁶⁷ “Trabalhador doméstico dos primeiros anos”. (tradução livre).

⁵⁶⁸ COUTY, Louis. *Étude de biologie industrielle sur le café*, op. cit., 1883, p. 114.

⁵⁶⁹ COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*, op. cit., 1887, p. 34.

trabalhador.⁵⁷⁰ Essa mentalidade do fazendeiro, era para Couty fruto do contato cotidiano entre senhor e escravo e apegados a uma única forma de trabalho tinham como ídolo a fazenda, “uma entidade sagrada” e intocável. Esses eram os fazendeiros do passado, “tanto é verdade que as características psíquicas são ainda estáveis”.⁵⁷¹

Esses argumentos de Louis Couty contrários à grande propriedade são direcionados a um grupo específico de fazendeiros, os fazendeiros que eram incapazes de transformar a mão de obra escrava em mão de obra livre, isto é, incapazes de desapegar de um sistema que apenas prolongava o passado. O pensamento de Couty em relação aos fazendeiros do futuro era diferente, pois nutria admiração e considerava os cafeicultores de São Paulo os homens mais aptos a transformar a mão de obra e o país.

Desta forma, fica evidenciada a seleção de um texto específico de Couty por parte da Sociedade Central, cuja finalidade era criticar os grandes proprietários que não queriam dividir a terra e convencer a população letrada que a grande propriedade era um entrave às reformas que o país necessitava. O trecho abaixo de Louis Couty demonstra o quanto ele serviu aos interesses da Sociedade Central.

O fazendeiro prefere abandonar sua plantação em vez de vendê-la; este grande proprietário apesar das suas qualidades, ou por causa de suas qualidades, me parece incapaz de fazer ele mesmo a transformação necessária; e, além dessa resistência longa e contínua, como também de outras

⁵⁷⁰ Idem, p. 35.

⁵⁷¹ Idem, p. 35-36.

condições do meio social, criam à colonização da terra cultivada uma série de dificuldades, que precisam ser consideradas.⁵⁷²

Esta frase recebeu os melhores elogios de André Rebouças que alçou Couty ao nível de eminentes cientistas do século XIX. Dizia ele que bastaria “este parágrafo para colocar Louis Couty ao lado de Charles Darwin, de Agassiz, e dos mais elevados gênios que não visitado o Brasil”.⁵⁷³ Tudo estava preso, asseverava Rebouças, “dentro do círculo do monopólio da terra, agravado pela negra escravidão”.⁵⁷⁴ Contudo, apesar de Couty propor a divisão das grandes propriedades em pequenas propriedades ele enfatizava que no Brasil “o solo precisava do homem”, ou seja, a primeira questão a ser resolvida não era a da terra, mas a do homem que trabalharia a terra. E esse homem só teria uma origem, a europeia, sobretudo, porque Couty desprezava a utilização do trabalho do negro como elemento ativo, posto que para ele o negro não possuía regularidade no trabalho, especialmente num ambiente de pós libertação. O problema da grande propriedade para Couty não era a sua primeira questão, sua primeira questão, desde o início, foi a da mão de obra que ele considerava cara e ruim. Nesse aspecto, sua admiração para com alguns fazendeiros precisa ser considerada,

⁵⁷² Idem, p. 51.

⁵⁷³ André Rebouças auxiliou Alfredo d'E. Taunay na elaboração das notas para o livro póstumo de Louis Couty. COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*, op. cit., 1887, p. 88.

⁵⁷⁴ COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*, op. cit., 1887, p. 88. A questão do monopólio da terra era central para Rebouças, dizia ele que quando o problema da terra esta errado, tudo esta errado, tudo vai mal. (Idem, p. 233).

sobretudo a admiração para com os fazendeiros paulistas. Para compreender melhor o pensamento de Couty, podemos inverter a frase de Rebouças e dizer que tudo estava preso dentro do círculo da escravidão, agravada pelo monopólio da terra. A preocupação de Couty era com a produção agrícola brasileira. Com isso, notava que “o sistema atual de cultivo do café, baseado na escravidão, implica ao fazendeiro múltiplos inconvenientes, restringe seus ganhos, diminui sua riqueza, atrapalha o desenvolvimento social”.⁵⁷⁵

A boa crítica de Rebouças, somada à boa crítica de Taunay exerceram função estratégica na consolidação de Louis Couty como uma referência conceitual no pensamento imigrante brasileiro, sobretudo, no contexto das discussões sobre as necessidades de reformas via imigração.

5.7 A luta contra a imigração chinesa

A Sociedade Central de Imigração não poupou esforços na campanha que empreendeu contra a imigração de chineses para o Brasil. Era uma honra para o grupo da Sociedade Central rechaçar esses imigrantes classificados como indesejados.

O trabalhador chinês foi visto, no longo debate sobre o trabalhador ideal, como um mau elemento em todos os níveis. Essa recusa do chinês foi defendida por Lacerda Werneck na década de 1850 se apoiando em

⁵⁷⁵ COUTY, Louis. *Étude de biologie industrielle sur le café*, op. cit., 1883, p. 114.

generosos argumentos a fim de salvar o “destino da raça brasileira”.⁵⁷⁶ Na escala mental das raças que acompanhava o intelectual eurocêntrico, os chineses e os negros eram caracterizados como inferiores ao branco europeu.

No argumento favorável ao uso de chineses estava com a palavra Quintino Bocaiuva que via nos *chins* a alternativa de manutenção dos *status quo* da grande propriedade. Apenas através de tal meio seria possível promover o desenvolvimento da propriedade rural sem alterar sua forma e essência. Com a mesma direção favorável aos chins Xavier Pinheiro realizou estudos, enviado ao Ministério da Agricultura em 1869, em que indicava o sucesso da imigração chinesa em Cuba.⁵⁷⁷

Lamentando as ações dos fazendeiros do passado, dizia Couty que “muitos admitem ingenuamente” querer contratar os trabalhadores asiáticos. Favoráveis à introdução de chineses queriam eles “continuar o passado sob formas pouco diferentes”.⁵⁷⁸ Sobre isso comentava Taunay:

Não há uma só palavra do Dr. Louis Couty, que não seja expressão rigorosa da verdade. Para muita gente ainda, a perspectiva mais risonha *aos destinos do país* é a importação do *chim*, e não pouco influi para esse conceito a possibilidade de

⁵⁷⁶ GONÇALVES, Paulo Cesar. *Migração e mão de obra: retirantes cearenses na economia cafeeira do centro-sul (187-1901)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 86.

⁵⁷⁷ GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de braços*, op. cit., 2012, p. 166.

⁵⁷⁸ COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*, op. cit., 1887, p. 35-37. Mencionado uma conferência que realizou em 1882 na Escola Politécnica, Couty também chamava atenção para o fato do trabalho do amarelo ser “economicamente e socialmente nocivo”. In: COUTY, Louis. *Étude de biologie industrielle sur le café*, op. cit., 1883, p. 125.

castigar o trabalhador asiático e dar-lhe pauladas com bambu, quando ele se mostrar recalcitrante às exigências do trabalho [...].⁵⁷⁹

Taunay se vangloriava do combate que a Sociedade Central exerceu contra a imigração de chineses, “o Brasil há de um dia reconhecer este relevantíssimo serviço” dizia ele. Para aqueles que queriam macular “o solo da pátria com o nojento elemento”, Taunay dizia ser, tal ato, “crime de leso-americanismo!”.⁵⁸⁰

Para questionar as medidas dos organizadores do Banco de Imigração, em seu destino civilizador, a Sociedade Central mobilizou novamente Louis Couty para convencer esses organizadores do ato nocivo que estariam cometendo caso o país recebesse os imigrantes chineses que se pretendia trazer. Abandonada a ideia de atrair imigrantes chineses pelos organizadores do Banco de Imigração, a Sociedade Central deu nota do ato comemorando a importância desse acontecimento e para tanto demonstra que Couty foi útil no argumento contrário ao imigrante chinês.

Muito provavelmente também mais detido se acharam V.V. Exs. no exame mais detido e aprofundado da questão e nas dificuldades a ela inerentes, de acordo com as ponderações expedidas, em seus belos estudos econômicos e sociais, pelo genial Luiz Couty, que demonstrou quanto o chim ficaria caro ao fazendeiro, o qual, além do salário obrigatoriamente elevado, teria de suportar o desfalque das mortes e moléstias que ceifam

⁵⁷⁹ COUTY, Louis. *Pequena propriedade e imigração europeia*, op. cit., 1887, p. 76.

⁵⁸⁰ Idem, p. 76.

e acometem essa raça com muito mais frequência do que outra. Previu o ilustre publicista a fuga parcial, já em massa das fazendas, e a invasão à formiga ou subitamente dos grandes centros de população, onde esses refugiados viriam provocar irremediáveis males aos operários brasileiros e estrangeiros, perturbando as leis econômicas a que estão presentemente sujeitos.⁵⁸¹

Além de ações mediadas por ofícios e discussões na imprensa, em 28 de outubro de 1888, a Sociedade Central realizou um encontro para se posicionar, ainda mais, contra a introdução de imigrantes chineses no Brasil. O local das discussões foi no Teatro Recreio Dramático. José do Patrocínio realizou uma conferência onde repudiou a vinda dos *chins* para o Império. Para José do Patrocínio “o chim é incompatível com a nossa nacionalidade, não só por motivos étnicos, biológicos, mas é um péssimo fator econômico”.⁵⁸²

No debate sobre o uso do imigrante chinês estavam postas duas visões: a de permanência e a de ruptura. De permanência da grande propriedade que continuaria o passado sob formas diferentes, como dizia Couty. De ruptura com o monopólio da terra, com a monocultura e com a escravidão, visando a modernização do país pela imigração seletiva do europeu.

Ao dar materialidade em suas ideias através de seus textos, Louis Couty deixou um tecido de afirmações que organizadas revelam um projeto imigrantista para o

⁵⁸¹ *A Imigração*, ano 6, boletim n. 53, jan. 1889.

⁵⁸² *A Imigração*, boletim 53 apud VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX*, op. cit., 1987, p. 312.

Império.⁵⁸³ Suas ideias sobre a transformação do trabalho interviram diretamente ampliando o debate sobre o futuro da lavoura cafeeira, o futuro do país. Sobretudo, tornou-se uma referência conceitual ao elaborar argumentos favoráveis à imigração europeia com o escopo da modernização. Elaborou uma chave interpretativa da realidade brasileira de final do século XIX, que ampliou sua intervenção nas questões da época, aliando o aspecto econômico e sociológico com o biológico na nova disciplina que a ele foi atribuída a função de professor, a Biologia Industrial. Com essa chave em mãos, Couty adentrou nos debates públicos sobre a mão de obra, ultrapassou as funções de professor e pesquisador. Não se restringiu ao aspecto das moléstias e dos preços do café, do solo, dos venenos das plantas e animais, foi além e forjou também uma interpretação ativa em seu tempo sobre o povo brasileiro. A proximidade de Couty com membros da Sociedade Central, sua ação em defesa da imagem do país, levou a Sociedade Central a se apropriar das ideias de Couty em um movimento que tinha a finalidade de contestar os argumentos daqueles que maculavam a imagem do país, como no caso Van Delden Laerne. Posteriormente, a Sociedade Central, ao mesmo tempo em que ressaltava as

⁵⁸³ Segundo John Pocock, para o historiador do pensamento “talvez haja” apenas duas maneiras de abordar o estudo de um documento. Pode-se considerá-lo “como um tecido de afirmações, organizadas por seu autor em um único documento, mas acessíveis e inteligíveis tanto se tiverem como se não tiverem sido harmonizadas em uma única estrutura de significado. A meta do historiador é, agora, o resgate dessas afirmações, estabelecimento dos padrões de discurso e pensamento que compõem os vários contextos em que eles se tornaram inteligíveis e a busca de quaisquer mudanças no emprego normal desses padrões que possam ter ocorrido em resultado das afirmações feitas”. POCKOCK, John A. G. *Linguagens do Ideário Político*, op. cit., 2003, p. 245.

características de estudioso do tema das transformações do trabalho, se valia dessa autoridade de Couty para agir e afirmar seus projetos reformistas. Isto se sucedeu com a publicação do livro *Pequena propriedade e imigração europeia*. Podemos entender as ideias de Couty organizadas por ele em seu momento e essas ideias sendo selecionadas pela Sociedade Central e mobilizadas visando uma ação que, no caso deste livro, era a de convencer a sociedade brasileira da necessidade da imigração europeia. Com essa ação da Sociedade Central, as ideias de Couty sobre a necessidade da imigração ganhavam respaldo de um grupo que agiu sobremaneira na luta pela imigração europeia e se consolidavam no programa de ação da Sociedade Central de Imigração. Desse modo, a recepção de suas ideias revela que ele escreveu em uma linguagem partilhada com seus coevos imigrantistas.